

# Escute as feras

Nastassja Martin

Estudiosa do Grande Norte subártico, a antropóloga francesa Nastassja Martin viaja em busca dos even — mais precisamente, de algumas famílias even que, tomando distância da vida na Rússia pós-soviética, preferem voltar a viver no coração das florestas siberianas. A rotina do trabalho de campo vai avançando como quer a disciplina etnográfica, os cadernos vão se enchendo de anotações. Mas alguma coisa mais parece estar em gestação, alguma coisa que por fim eclode na forma de um incidente — ou, quem sabe, de um encontro — entre a antropóloga e um urso. É a partir desse acontecimento inesperado e dilacerante que Martin tece a trama de *Escute as feras*, em que a experiência vivida nutre uma reflexão vertiginosa sobre o humano e o natural, a identidade e a fronteira, o tempo do mito e a história contemporânea.

“Nesse dia 25 de agosto de 2015, o acontecimento não é: um urso ataca uma antropóloga francesa em algum lugar nas montanhas de Kamtchátka. O acontecimento é: um urso e uma mulher se encontram e as fronteiras entre os mundos implodem. Não apenas os limites físicos entre um humano e um bicho que, ao se confrontarem, abrem fendas no corpo e na cabeça. É também o tempo do mito que encontra a realidade; o outrora que encontra o atual; o sonho que encontra o encarnado. A cena acontece nos dias de hoje, mas poderia muito bem ter ocorrido há mil anos.”

Prêmio François Sommer, 2020

Tradução de

CAMILA VARGAS BOLDRINI E DANIEL LÜHMANN



## Primavera

Estamos no dia 2 de janeiro. As rodas do avião chiam em contato com o solo congelado. Desço na pista com os outros passageiros, faz trinta graus negativos. Iúlia e as crianças me esperam atrás do portão. Iúlia não mora na floresta com a família, passa apenas quatro meses por ano lá, no verão. Há dez anos ela se casou com Iarosláv, um militar russo de ascendência ucraniana. Desde então, mora com ele e seus filhos em Viliúchinsk, a maior base naval de Kamtchátka, situada ao sul de Petropávlovsk. Viliúchinsk é proibida aos civis russos sem autorização especial, e estritamente proibida a estrangeiros, com ou sem autorização. Mas Iúlia é minha amiga, minha irmã, minha Iulietta, e sobretudo a única pessoa com quem tenho vontade de estar nessa cidade caótica. A qualquer hotel decadente e barato, ou mesmo muito caro, mas falsamente luxuoso, com fachada e decoração postiças, prefiro mil vezes seguir minha amiga em sua prisão, para além do fiorde sob o vulcão.

Percorremos os quarenta primeiros quilômetros que nos separam da base, já consigo distinguir os prédios junto ao mar, encostados no vulcão. O posto de controle já não está tão longe: antes de alcançá-lo, paramos o carro numa

área rebaixada da estrada. Retiramos os galões de água e os cobertores do porta-malas. Eu me deito no chão entre o banco traseiro e os assentos dianteiros, de lado e de comprimido. Iúlia e Iarosláv me cobrem com os cobertores e amonitoam os galões por cima. Estou invisível. Passo cinco minutos muito penosos, mas, depois de tudo o que aconteceu comigo nos últimos meses, tenho quase a impressão de estar dando um passeio no parque. Ou, pelo menos, de estar apenas cumprindo uma formalidade. Ouço a voz do soldado, depois a do marido de Iúlia, que responde. Ouço suas botas de couro, pretas, imagino eu, estalarem no asfalto. O porta-malas se abre, ele verifica o carregamento. Tudo está em ordem. *Khorochó, do svidânia*. Seguimos viagem. A impressão de cair na boca do lobo, de um outro tipo de lobo, mais tenaz que o canídeo selvagem quando apanha você. O ponto positivo é que ninguém poderá me encontrar aqui, eu penso. Em meio aos submarinos sobreviventes da Guerra Fria e aos militares de uniforme, evidentemente, estou bem escondida. É toda uma tática que imaginamos Iúlia e eu, como boas jovens recalci-trantes que somos: esconder-se justamente ali, de onde vem a ameaça, no quarto de dormir do inimigo. Você chega ao ponto de senti-lo em si mesma, você o experimenta, é contida por ele e o contém; sendo forte o suficiente, você o amansa, doma; e um dia, quando tiver entendido bem a lógica dele, você se liberta.

Tirei a cabeça para fora do monte de cobertores, os galões se espalharam por toda parte. Nós rimos às gargalhadas. Nem mesmo Iarosláv consegue evitar que lhe escapem umas risadas. Ter transgredido a ordem estabelecida nos aproxima. Iarosláv olha para trás, fixa seus olhos azuis nos meus. Caralho, você, a francesa, você espantou um urso. Se não conseguirmos enganar um soldado, o que nos resta? O concerto de nossas risadas faz o carro sacudir. Depois, Iúlia, enxugando dos olhos as lágrimas de contentamento, coloca um dedo sobre os lábios, retomando um ar sério. Não se esqueça, Nástia.

Em público, nem uma palavra. Nas lojas, você não abre a boca. Poderiam reconhecer o seu sotaque francês. Se não disser nada, ninguém vai suspeitar que você não é russa.

Cale-se. Você é você. Matar você. Por que não. Tudo é permitido quando renascemos das próprias cinzas.

✱

Pela janela distinguimos o porto militar com seus submarinos em restauração, os militares ocupados em meio às máquinas enferrujadas que estão por toda parte. O braço de mar está completamente congelado. O ar é glacial, partículas de geada brilham na luz invernal, rosa acima do mar, violeta sobre o vulcão em frente. Na casa faz muito calor. Tanto que somos obrigados a abrir um pouco a janela para respirar. Não é possível ajustar a temperatura. São assim, Nástia, as cidades russas no inverno, Iúlia me diz.

O apartamento se resume a dois cômodos e uma cozinha. Um surrado papel de parede marrom com flores vermelhas. Uma banheira curta no lavabo. Vestígios de umidade que mancham os tabiques de cima a baixo. Fios elétricos expostos. Rachaduras que fendem as paredes e o teto. A cozinha, minúscula, constitui o centro desse mundo. Nela encontra-se uma mesinha com uma toalha de plástico bege, também florida, quatro banquinhos, um fogão a gás, uma pia e uma janelinha que dá para os fundos do prédio, de onde é possível ver um monte de neve de vários metros de altura. Iúlia e eu ficamos ali boa parte da noite, contando histórias de mulheres e falando de política. Bebemos vodca tranquila mas resolutamente, um copinho a cada hora. Ela me mostra as fotos da floresta. Nesta, mamãe está preparando o peixe; aqui, Ivan está pescando; nesta outra, Volódia está cuidando dos cavalos. Ah, e aqui é você e mamãe tomando chá dois anos atrás, você se lembra?

Sim, claro que me lembro, minha Iúlia, lembrar-me é meu ofício. A certa altura da noite, quando esgotamos as palavras e a garrafa, vou me deitar na cama ao lado de Vassilína, a filha dela. Ela gosta quando dormimos juntas, e eu também. Ao acordar, ficamos um bom tempo sob os lençóis, cochichando. Ela toca meus cabelos curtos, isso a faz rir, é diferente, ela diz, mas é engraçado. Começa a me falar da floresta, de Tvaián. Ela se pergunta o que eles estariam fazendo nesse momento. Vejamos, são dez horas da manhã. Talvez *bábuchka* esteja cozinhando. Talvez Ivan esteja voltando da caça. Ou talvez eles tenham ido buscar lenha. Talvez, pode ser.

Mais tarde no mesmo dia, Vassilína desenha. Ela desenha árvores, o rio, raposas, a casa de Tvaián, peixes. Desenha o contorno dos ausentes, colore, incansavelmente. Adoro isso, desenhar, porque assim escapo daqui, ela me explica. Papai diz que não se deve sonhar muito. O que você acha? Refeito. Acho que não se deve fugir ao não realizado que jaz no fundo de nós, que é preciso confrontá-lo. Não sei como traduzir isso com palavras simples, então digo: Vassilína, se crescer é ver seus sonhos morrerem, então crescer se torna morrer. Melhor esnoabar os adultos, quando nos fazem acreditar que os com- partimentos já estão lá, prontos para serem preenchidos.

★

Fui embora nessa manhã. É um amigo de Iarosláv que dirige, um tanto rápido demais para o meu gosto, um 4 x 4 verde e enferrujado. Não gosto desse tal de Kólia. Ele tem um rosto flácido e vermelho, na sua testa escorrem gotas de suor. Não tive escolha: é a única pessoa do círculo de Iúlia e Iarosláv que pôde se liberar tão rapidamente, aceitando me levar às portas da floresta, a mais de oitocentos quilômetros daqui, por uma módica soma de dinheiro negociada às pressas. Fazemos uma parada em Mílkovo para nos reabastecer de água, combustível

e comida, já é noite. Série de conjuntos habitacionais de concreto rachados. Gagárin em uma fachada, СССР, a estrela, a foice, o martelo: nada disso está longe. Em Mílkovo, como em todos os lugares do Grande Leste, esse passado foi ontem. Na loja, subo a gola de lã o mais alto que posso sobre o rosto, mas não consigo esconder o inchaço da minha face direita. A moça do caixa me encara: você está com dor de dente? Sim, isso mesmo. Estou com dor de dente. Aguentar. Nós nos precipitamos de novo para dentro do veículo.

O 4 x 4 sacode sobre a pista congelada. Oito horas em que chacoalhamos no frio glacial. Uma luz no fim da estrada: Chanutch, enfim. Distingo os faróis acesos, uma moto de neve está estacionada na beira da pista. Alívio. Me desentranho do banco, sinto dor no rosto, na cabeça, em tudo. Eu o vejo, ele me espera na noite. Ivan. Desabo em seus braços, mal consigo conter as lágrimas, queria lhe dizer tudo sem demora, o tanto que havia sido difícil, como quase morri lá, o quanto me senti sozinha com os vestígios de urso sobre o corpo. Mas eu me calo porque eles nos olham. Os dois russos do posto de controle de Chanutch. Os vigilantes da mina. Eles nos observam intencionalmente, fumando na porta de sua caserna. Claramente não entendem o que veem. Dois estrangeiros que tudo parece separar, que se abraçam como membros de uma mesma família.

Tenho que me preparar para enfrentar o frio que nos espera no caminho. Eu me aproximo da guarita amarela do posto de controle e dos dois sujeitos. Visto assim, poderia parecer um farol tranquilizador em meio às terras gélidas. Que bela ilusão de óptica, eu penso, desde que o antigo vigilante Alexei foi embora, Chanutch não tem mais nada de refúgio nem de luz acolhedora no fundo da noite. Chanutch é uma *no man's land* entre dois mundos. Chanutch é o Estige com seus cérberos.

Digo oi, tudo bem, peço para entrar para me trocar em um lugar aquecido. Um dos dois russos do posto me reconhece

afinal. Nástia, é você? Bem, sim. Mesmo olhar patético. Uma vez lá dentro, tiro meu gorro, meto um capuz e por cima a *uchánka* de pele de rena que Dária, mãe de Ivan, costurou para mim. Esse sujeito — não lembro o nome porque também não gosto dele — repara nos meus cabelos curtos e quase castanhos. Ele fuma um cigarro me esquadrinhando com o olhar. Onde foram parar seus belos cabelos loiros? Escroto. Assimilo o golpe. Que desgraça, ele continua. Sim, respondo laconicamente. Ele começa então a vituperar contra os indígenas que vivem em algum lugar na floresta para além das montanhas, tão pobres e carentes que não têm nem casa nem eletricidade, que se abrigam certamente embaixo de raízes ou em buracos de árvores, como animais, ele explicita. Ele manifesta a repugnância que sente ao me ver voltar para lá mais uma vez. Eu não o escuto mais. Termino de me equipar pensando no grande cão branco de nome Shaman que tinha nos protegido, Charles e eu, do urso aqui mesmo há alguns anos, o grande cão branco de olhos tão doces que esse bruto matou numa noite de bedeira. Pobre Shaman. Pobre Alexei. Se ele soubesse, ficaria doente de tristeza. Fugir, depressa, penso.

Uma borrasca de vento e neve invade o cómodo quando Ivan abre a porta, ande depressa, ainda temos estrada pela frente e já é tarde. Os dois homens se olham de cima a baixo sem uma palavra, o silêncio cai sobre Chanutch. Reúno minhas coisas, cumprimentos mínimos, estou fora. Eu me instalo sobre as peles do trenó, enfito as luvas sem divisão para os dedos, agarro as cordas. O motor ronca. A luz lívida desaparece lá atrás, o escuro da noite se adensa. Penetramos na floresta, fecho os olhos, deixo o frio me entorpecer, respiro.

Minhas correntes jazem diante da cabana de Chanutch aos pés dos dois escrotos, mais nenhuma amarra tolhe meus membros. Lágrimas começam a escorrer, logo inundam meu rosto e congelam sobre minha pele. A impressão de deixar o mundo atrás de mim; uma versão do mundo; meu mundo.

No qual me tornei inadequada; no qual fracasso em compreender a mim mesma.

✱

Há três anos, Dária me contou sobre a derrocada da União Soviética. Ela me disse, Nástia, um dia a luz se apagou e os espíritos retornaram. E voltamos para a floresta. Sobre meu trenó na noite gélida, deixo meu pensamento vagar em torno da frase. De onde venho a luz não se apagou e os espíritos fugiram. Tenho muita vontade de apagar a luz. Eu também, nessa noite, volto para a floresta.

✱

É meia-noite, chegamos a Manach, o primeiro campo de caça da família even com a qual vivi durante todos esses anos. Os tios de Ivan nos esperam. Tomamos chá em silêncio. Que bom que você sobreviveu, diz Artium por fim. Não precisa ter raiva dele. Você sabe como eles são... São como nós. Eu sei, respondo. Na verdade, não tenho muita vontade de falar, ele sabe, ele sente, ele se cala, ele vai dormir. Amanhã você será outra.

Ao amanhecer, olho pela janelinha da cabana, vejo um Buran que jaz não longe dali entre as árvores, de uma cor laranja mais que desbotada, o motor à mostra. O que é aquilo, pergunto a Ivan, rindo. É ela, ele me responde, o olhar maroto. Nossa montaria até Tvaián. O de ontem é do Artium. Este aqui é o meu. Ah. E ele funciona? Tenho as minhas dúvidas. Ele anda, claro que anda! Nós empilhamos os víveres no trenó, minha mochila por cima, eu me acomodo. Ivan, como sempre, viaja sem nada. Partimos. O dia inteiro avançamos ruidosamente por entre as árvores, na direção oeste, o vulcão Itchinski vai se distanciando atrás de nós, e com ele as nascentes do rio

Ircha, que atravessa a enorme extensão de floresta onde estamos para ir desaguar no mar de Okhótsk. Há uma centena de quilômetros a percorrer. Paramos para esticar as pernas, para esquentar os pés e para consertar o Buran, que enguiça ou superaquece com frequência. Ivan tira as luvas, mergulha as mãos no motor, amarra cordas e barbantes em torno das pernas soltas, calça novamente as luvas. Ele ri. Está vendo, nada mudou realmente aqui. O Buran é méto como uma rena. Ele também é conduzido com cordas! Seguimos viagem. Em pleno vento, a temperatura chega perto dos cinquenta graus negativos. Penso na cabana de madeira sob a neve, no fogo, em Dária que espera. Tvaián é um dos confins do mundo, de verdade.

★

Faz alguns dias que chegamos a Tvaián, eu me dedico a não fazer nada, queria até tentar parar de pensar. Essa manhã, penso que é preciso sobretudo que eu pare de querer — entender curar ver saber prever imediatamente. No fundo dos bosques congelados, não se “encontram” repostas: aprende-se antes de tudo a suspender o próprio raciocínio e a se deixar levar pelo ritmo, aquele da vida que se organiza para que possamos nos manter vivos numa floresta durante o inverno. Tento achar em mim um silêncio tão profundo quanto o das grandes árvores que lá fora se mantêm imóveis e verticais no frio. Dei meia-volta, reviravolta. Faço o caminho de volta como as zibelinas na neve quando enganam seu perseguidor. Não sei aonde vou, talvez a lugar nenhum, estou em uma toca e isso me basta. Avalio a grandeza da imensidão à minha volta e os minúsculos gestos do cotidiano do lado de dentro, expressão de uma paciência infinita, própria aos humanos que se mantêm aquecidos esperando a explosão da primavera.

Todo dia Dária desfia carne de rena para mim, extrai a medula óssea, me dá lâminas de fígado cru (para a digestão),

de coração cru (para a recuperação), de pulmão (para a respiração). Ela também me serviu um copo de sangue quente (para a força) quando matamos a rena. Estou mais vulnerável que nunca dentro dessas quatro paredes, e é precisamente por isso que hoje vejo. A sóbria beleza das idas e vindas diárias; a necessidade do menor movimento deles; a discrição que demonstram entre si e com relação a mim. Eu me deixo enfim ser levada por essa lógica de vida rotineira; tenho a impressão de desfazer um por um os passos que me levaram para dentro da boca de uma fera.

★

A criança possui uma coisa que o adulto procura desesperadamente ao longo de toda a sua existência: um refúgio. São as paredes do útero com todos os nutrientes afluindo cotidianamente e que é preciso às vezes conseguir reconstruir em torno de si. Tenho a estranha impressão de que, quando fracassamos, o mundo procura nos levar de volta a esse lugar por meio de um golpe do destino, alguma coisa exterior nos faz retornar à vida interior num confinamento a portas fechadas *a priori* lúgubre, mas na realidade salvador. Quatro paredes apertadas, uma porta pequena e contatos restritos — Victor Hugo na ilha, na paróquia diante do mar, compõe seus versos; Soljénitsin nos bosques do Vermont se recupera da história russa; Trótski em suas prisões escapa da morte e escreve; Lowry em sua cabana diante do mar compila a agitação do mundo no entanto invisível dali onde ele se encontra. O que faço de diferente daquilo que eles realizaram, na minha floresta sob o vulcão, de volta da quase-morte que me espreitou? O que faço senão ousar dar um passo para o lado para ver melhor, ver os sinais que pulsam em mim e que anunciam a Época, suas condições, seu furor, sua tragédia e sua impossível reprodução? Vi o mundo demasiado *alter* do bicho; o mundo demasiado humano dos hospitalais. Perdi meu lugar, procuro um entre-meio. Um lugar onde me reconstituir. Esse recolhimento deve

ajudar a alma a se reerguer. Porque será muito necessário construir essas pontes e portas entre os mundos; porque renunciar jamais fará parte do meu léxico interior.

★

São cinco horas da manhã, ouço Dária que assopra as brasas para reacender o fogo. Eu me levanto do leito enrolada em um cobertor, desvio dos meninos deitados no chão sobre as peles, me sento no banquinho ao lado dela em frente ao fogão. Esperamos em silêncio; a água ferve por fim. O chá quente aquece nosso corpo. Em seguida, ela ergue os olhos na minha direção, sorri na penumbra, um sorriso sóbrio e tímido, um sorriso cheio de amor. Cochicha: às vezes alguns animais oferecem presentes aos humanos. Se eles se comportaram bem, se eles escutaram bem ao longo de toda a vida, se não alimentaram muitos pensamentos maus. Ela abaixa os olhos, suspira suavemente, levanta a cabeça, sorri de novo: você é o presente que os ursos nos deram ao deixarem a sua vida salva.

★

Estou sentada na neve na beira do rio Itcha, reflito sobre as palavras de Dária. Não gosto de sentir o que estou sentindo, queria jogar minha irritação na água sob o gelo. Estou perplexa, porque entendo duas coisas do que Dária me disse. A primeira, que me comove e me toca profundamente, que me lembra os motivos da minha presença em Tvaián. A segunda, que me é insuportável e me revolta, que me dá vontade de fugir uma segunda vez.

Quanto ao que me toca. Existe de fato aqui uma coisa diferente daquilo em que nós, no Ocidente, depositamos confiança. As pessoas como Dária sabem que não são as únicas a viver, sentir, pensar, escutar na floresta, e que outras forças operam em volta delas. Há aqui um querer exterior aos homens,

uma intenção fora da humanidade. Nós nos encontramos em um ambiente “socializado em toda parte porque percorrido incansavelmente”, teria dito meu antigo professor Philippe Descola. Ele reabilitou o termo *animismo* para qualificar e descrever esse tipo de mundo; eu e outros o seguimos de corpo e alma nesse caminho. Na frase “os ursos nos dão um presente”, existe a ideia de que um diálogo com os animais é possível, ainda que ele se manifeste apenas raramente sob uma forma controlável; existe também a evidência de viver num mundo em que todos se observam, se escutam, se lembram, dão e retomam; existe ainda a atenção cotidiana a outras vidas que não a nossa; existe enfim a razão pela qual eu me tornei antropológa.

Por que você quer viver conosco? Dária tinha me perguntado alguns dias depois do nosso primeiro encontro. Por isso, eu tinha dito. Porque existem formas muito antigas que não desapareceram, e porque com vocês elas são atualizadas. Mas isso não é tudo, e é aí que mora o problema. Com relação ao que me revolta, então. Quando Dária diz que o urso, ao me devolver sã e salva ao mundo dos humanos, deu a eles um presente, o urso e eu nos tornamos mais uma vez a expressão de outra coisa que não nós mesmos; o desfecho do nosso encontro fala aos ausentes, fala *dos* ausentes. Quebro a cabeça tentando ver a água que corre sob o gelo, é difícil porque a camada é espessa. Penso: um urso e uma mulher são algo grande demais como acontecimento. Grande demais para não ser assimilado de imediato num sistema de pensamento ou noutro; grande demais para não ser instrumentalizado por um discurso particular ou, em todo caso, para não se integrar a ele. O acontecimento deve ser transformado para se tornar aceitável, deve por sua vez ser *comido* e depois *digerido* para fazer sentido. Por quê? Porque *isso* é terrível demais de se imaginar, porque *isso* sai dos moldes do entendimento, de todos os moldes, mesmo daqueles dos caçadores evens no coração de uma floresta em Kamtchátka.

Já que é assim, já que vou necessariamente ser forçada a entrar nos moldes de uns e de outros como um triângulo num círculo ou um círculo num quadrado, é preciso que eu, para não virar o quadrado ou o círculo que não sou, consiga suspender meu julgamento. Pois é para mim que ele surgiu; é para ele que eu apareci. É duro deixar o sentido flutuar. Dizer a si mesma: não sei tudo sobre esse encontro; deixo de lado os supostos *desiderata* do mundo dos ursos; faço da incerteza um presente. É preciso então refletir sobre os lugares, seres e acontecimentos protegidos por uma sombra e cercados por um vazio, no cruzamento desses nós de experiência que os esquemas relacionais falham em englobar, não conseguem estruturar. Eis nossa situação atual, a do urso e a minha. Nós nos tornamos um foco de atenção sobre o qual todo mundo fala, mas ninguém capta. É precisamente por essa razão que não paro de tropeçar em interpretações redutoras, até mesmo triviais, por mais bem-intencionadas que sejam: porque estamos diante de um vazio semântico, de algo fora do enquadramento, que diz respeito a todos os coletivos e que lhes dá medo. Daí a pressa de uns e outros para rotular, para definir, delimitar, dar uma forma ao acontecimento. Não deixar pairar a incerteza a seu respeito é normalizá-lo para fazer com que entre no coletivo humano custe o que custar. E contudo. O urso e eu falamos de liminaridade, e, mesmo que seja assustador, ninguém mudará nada disso. Os galhos estalam atrás de mim, vem vindo alguém. Decido: eles dirão o que quiserem. Quanto a mim, vou permanecer nessa *no man's land*.

Mão sobre o meu ombro. Tudo bem? Tudo bem. Ivan se senta ao meu lado na neve, saca um cigarro, acende, quer um? Por que não? Fumamos em silêncio. Você estava pensando em quê? Fecho os olhos, não consigo juntar duas palavras que sejam, com minha cabeça fervendo desde agora há pouco. E em seguida, subitamente, desabo. Abaixo a cabeça, escondo o rosto nos joelhos, lágrimas começam a rolar nas minhas faces, logo é uma torrente que escorre. Sinto meus ossos

estalando, meus dentes quebrando, a mordida da mandíbula que se afrouxa e, é insuportável, o gosto do sangue que afliu na boca. Arrrgggggg, eu gemo entre dois soluços. Ivan suspira, envolve meus ombros com seu braço esquerdo, saca outro cigarro de seu bolso direito se contorcendo. Fogo, fumaça. Você o revê?, ele pergunta. Sim, tudo. A cena, que se repete sem parar. Nem um pouco agradável. Respondo. Enxugo as lágrimas, me desvencilho de seu abraço, o *flashback* está desaparecendo de trás dos meus olhos, expiro ruidosamente. Vem, vamos tomar chá, você está congelando. Ele joga o cigarro sobre o gelo, toma meu braço para me ajudar a me levantar, damos as costas ao rio, voltamos para casa.

★

Meu estômago está cheio de carne de rena, me sinto bem. Faz um calor quase insuportável, mas é sempre assim; nas noites de inverno, antes de dormir nas cabanas, é preciso colocar lenha no fogo para passar a madrugada inteira. Estou deitada no escuro sobre uma pele de rena, mas sem cobertores, os meninos estão à direita, no chão, sobre outras peles, Dária costura, sentada ao meu lado. Natacha, sua filha, e Vássia, o genro mais velho que ela (ele tem setenta anos), chegaram há pouco, estão preparando seu leite perto do fogo. *Pobováá jizn*, Ivan gosta de dizer rindo, evocando a vida ao rés do chão.

Volto a pensar em tudo o que aconteceu mais cedo, os murmúrios do crepúsculo me acalantam. Fico estagnada num estado de sonolência, e subitamente um véu se ergue. Volto a abrir os olhos. Vejo a fera que se mete em meu caminho; ela vê que bloqueio sua passagem. Tudo está nessa troca de olhares, que prefigura o que vai acontecer. Visto assim, é quase óbvio. Sorrio para mim mesma. Posso muito bem nos conceder isso, penso comigo. A fera morde o maxilar para restituir a palavra. Com esse último pensamento eu pego no sono.



Cavalos galopam na neve. São numerosos, talvez uma centena. Estou sozinha no meio da tundra. Eles irrompem na minha direção, uma nuvem de neve se levanta, estou ofuscada. Fecho os olhos, me preparo para o impacto. Isso não acontece, sinto a respiração deles passar à direita, à esquerda, repetidas vezes, depois mais nada. Eu me viro. A nuvem branca se dissipa e desaparece.

Abro os olhos. A respiração dos meninos é constante, ainda é noite. Dária está deitada ao meu lado, ela me observa, de olhos abertos. Você sonhou, ela sussurra. Sim. O que você viu desta vez? Cavalos, centenas de cavalos na neve. Bom, ela diz. Os cavalos são sempre um bom sinal. Eles não estão longe, falam com você. Eles não disseram nada, respondo. Não é com palavras que eles falam, porque você não os teria entendido. Se você os viu, estão falando com você.

★

Penso em Clarence, o velho sábio gwich'in de Fort Yukon, no Alasca, meu amigo e precioso interlocutor durante os anos em que morei em seu vilarejo. Sempre o observei com olhar entretido quando ele me dizia que tudo era constantemente "gravado" e que a floresta era "informada". *Everything is being recorded all the time*, ele repetia. As árvores, os animais, os rios, cada parte do mundo guarda tudo o que se faz e tudo o que se diz, e até mesmo, às vezes, o que se sonha e o que se pensa. Por isso é preciso prestar muita atenção nos pensamentos que formulamos, porque o mundo não se esquece de nada, e cada um de seus elementos componentes vê, ouve, sabe. O que aconteceu, o que sucede, o que se prepara. Existe um sinal de alerta dos seres exteriores aos homens, sempre prontos a extrapolar suas expectativas. Além disso, cada forma-pensamento que depositamos fora de nós mesmos vem se misturar e se acrescentar às antigas histórias que informam o meio ambiente, bem como às disposições daqueles que o povoam.

Segundo Clarence, existe um sem-limites que aflora à superfície do presente, um tempo do sonho que se alimenta de cada fragmento de história que continuamos a nele agregar. Há no mundo uma latência e uma ebulição, semelhantes à lava que espera sob o vulcão até que alguma coisa a force a sair da cratera. É precisamente por isso que Dária e Vássia abaixam a voz e sussurram na alvorada dentro da iurta sonolenta quando contam seus sonhos um ao outro. Você tem medo de acordar os outros?, pergunto certa manhã. Não, não quero que eles nos escutem, lá fora, responde Dária.

★

Sonhar com a floresta não é confortável. Eu pensava que depois do urso isso se acalmaria, que talvez fosse até parar. Eu esperava. Passar noites escuras e vazias, apenas o sono, não mais acordar em suor antes do alvorecer, ser invadida por imagens incompreensíveis de manhã, ter de questionar o sentido delas ao longo de todo o dia. Isso continua. Que seja.

Não é que eu não entenda o que acontece comigo; o que aconteceu comigo. Faz nove anos que trabalho junto daqueles que "partem para sonhar mais além", como diz Clarence. O que você está fazendo com a barraca nas costas?, eu lhe perguntava há cinco anos quando ele se distanciava sub-repticiamente para fora de Fort Yukon em direção à floresta. Não ouço nada aqui. Também não vejo nada. Muito falatório, muito conforto, muita família, e quase mais nada. *Too much fuss!* Saio para sonhar mais além. Bom, tomo nota. Com o tempo, também comecei a sonhar ali, mas só um pouco. Um lobo atrás do qual eu corro em meio aos abetos negros, um castor que mergulha sob os montículos de gelo do rio Yukon e que me convida a segui-lo. Nada de alarmante então, eu pensava que se tratasse de simples sinais manifiestos dessa necessária empatia que forma o adubo do meu ofício de antropóloga.

Foi somente quando cheguei sob o vulcão no território dos evens do Ircha que tudo mudou, ou melhor, que tudo se intensificou, se densificou. Eu me pus a sonhar continuamente. Dária não se alarmou: como Clarence em território gwich'in, ela achou isso muito normal, que seja eu a sonhar na casa dela. É que para sonhar é preciso estar deslocado, ela me disse um dia. Por isso nunca fico muito tempo na minha casa, continuou. Você está tão longe da sua casa... Não surpreende que você veja tantas coisas, ela concluiu. Muito bem, pensei no início, isso dará um belo tema de escrita sobre o animismo aplicado aos sonhos, a permeabilidade dos espíritos, o entrelaçamento das ontologias, o diálogo dos mundos, a transversalidade dos sonhos e sei lá mais o quê.

Que presunção! Acreditar que minha desacomodação inferior não iria *realmente* me expulsar para fora de mim mesma. Desacomodada, comecei a sonhar. Fora dos muros, fora da família, fora do cotidiano. Como Dária e Clarence preconizavam, para estabelecer um vínculo com o exterior; um vínculo eficaz, quero dizer. Mas para se orientar na direção de quem, de quê?

★

Estou deitada sobre a barriga de um urso, ele me envolve com uma pata protetora. Ele é grande e cinza. Conversamos sobre assuntos diversos, falamos a mesma língua. O corpo do urso e o meu estão indistintamente misturados, minha pele se funde em sua espessa pelagem. Papeamos com tranquilidade, mas de repente sinto uma angústia surda quando um segundo, depois um terceiro urso aportam no nosso quarto (estamos estendidos numa cama de uma casa que não conheço). Um é preto, o outro, marrom. Eles são mais novos, menores também, roçam em mim e subitamente me sinto ameaçada, observo suas garras, seus dentes e sua ambivalência, que logo começa a ressoar com a minha, já não estou mais tão segura do desfecho desse encontro, estou apavorada.

Eu vi esse sonho antes do urso, em Tvaián. Dária diz que as imagens noturnas não são sempre puras projeções. Sonhos-lembranças ou sonhos-desejos. Existem outros sonhos, como esse e como o dos cavalos daquela noite, que não controlamos, mas que esperamos, porque eles estabelecem uma conexão com os seres do lado de fora e abrem a possibilidade de um diálogo. Por que isso é importante? Porque eles permitem que os humanos se orientem durante o dia; porque eles dão uma indicação sobre a tonalidade das relações por vir. Sonhar com significa ser informado. Por isso é que se aguardam aqueles que voltam de uma longa viagem, de uma longa caçada, de um longo alhures; por isso é que Dária me espia em plena noite e estuda os sinais que não enganam a respeito do meu corpo adormecido: tremores, movimentos bruscos, gemidos, suor.

★

Essa manhã, ao deixar a noite e os sonhos, Dária me arrasta para fora. Venha comigo colocar uma armadilha na floresta, longe dos meninos, ela me diz. Ok. Dária é uma guerreira, de verdade. Em Tvaián, a velha ideia segundo a qual os homens caçam e as mulheres cozinham é um engano absoluto, uma bela ficção de ocidentais que assim podem ficar orgulhosos da evolução de sua sociedade e da superação dos supostos papéis de gênero. Aqui, todo mundo sabe fazer de tudo. Caçar, pescar, cozinhar, lavar, colocar armadilhas, buscar água, colher bagas, cortar lenha, fazer fogo. Para viver o cotidiano na floresta, o imperativo é a fluidez dos papéis; o movimento incessante de uns e outros, seu nomadismo diário implica que é preciso poder fazer de tudo a qualquer momento, pois a sobrevivência concreta depende das capacidades compartilhadas quando um membro da família se ausenta.

Nós nos afundamos na neve espessa, nem pensamos em pegar os esquis, de tão apressadas que estávamos para nos

eclipsar. Cruzamos um braço de rio. O espaço é estreito entre as jovens bétulas espremidas à margem, nos esgueiramos entre elas para chegar à proteção das grandes árvores. Avançamos com dificuldade, e em seguida Dária enfim se detém, levanta a cabeça na direção do topo da grande árvore que nos impede a passagem, sorri. Ela me mostra um buraco no tronco. Aqui, ela diz. Nós retiramos a neve das beiradas, eu pego na minha mochila a armadilha feita de sucata enferrujada, passo para ela. Ela a instala, coloca o rabo de salmão como isca, arma o mecanismo. *Vót*, pronto. Sentamos? Sentamos. Ela se coloca na minha frente, pousa seus olhos nos meus. Nástria, ela começa. Já tinha lhe dito que, antes do urso, você sonhava muito. E veja só, isso continua. Que malandra, penso. Sou como um rato, presa na armadilha no lugar da zibelina. Ela continua: nem todo mundo consegue. Você já era *mátukha* antes do urso; agora você é *miédka*, meio a meio. Sabe o que isso significa? Significa que os seus sonhos são os dele ao mesmo tempo que são os seus. Você não deve ir embora de novo. Deve ficar aqui, porque nós precisamos de você.

Voltamos pelo mesmo caminho na neve. A zibelina talvez vá saltar sobre essa árvore, depois sobre aquela. Daí ela certamente vai dar uma volta pelo terreno, ali, e vai ver o peixe, comenta Dária. *Vídno búdiét*. Vamos ver. Será preciso verificar daqui a dois dias. Se alguém caiu na armadilha. Rio baixinho atrás dela, sacudindo a cabeça, seguindo seus passos. Já tem alguém que caiu na armadilha, e você sabe muito bem, penso comigo. Deveria ter esperado por isso, isso tinha que acontecer. A questão era quando. Aqui estamos, penso comigo. Eu me pergunto o que fazer com isso, estou irritada, mais uma vez. O que eu sei é que são esses mesmos sonhos que me fizeram fugir daqui seis meses atrás, esses mesmos sonhos que me levaram para a boca do urso. Não tenho nenhuma vontade de recomeçar. Sonhar *com* me dá muito medo.

★

“Livrar um pouco o passado de sua repetição, eis a estranha tarefa. Livrar-nos a nós mesmos — não da existência do passado — mas do seu vínculo, eis a estranha e pobre tarefa. Desatar um pouco o vínculo do que é passado, do que passou, do que se passa, essa é a simples tarefa.” Comecei a ler Pascal Quignard há dez anos, quando estava em campo no Alasca. Digamos que esse fragmento ainda não tinha assumido todo o seu sentido.

Que meu mundo tenha sido amplamente alterado antes desse encontro é inegável. “Uma alteração da relação com o mundo”, é assim que se designa a loucura de maneira refina. Do que se trata? De um período, de um instante curto ou longo durante o qual os limites entre nós e o exterior se apagam pouco a pouco, como se nos desintegrássemos suavemente para descer às profundezas do tempo onírico onde nada está estabilizado ainda, onde as fronteiras entre os viventes são ainda flutuantes, onde tudo ainda é possível.

A primeira coisa a desatar, antes do *porquê* da minha fuga para fora da floresta naquele verão, é o *como* da minha fuga para fora do meu próprio mundo na direção da floresta, alguns anos atrás. Um pensamento bastante trivial não me sai da cabeça há muito tempo: ninguém escutou Antonin Artaud, que, no entanto, tinha razão. É preciso sair da alienação que nossa civilização produz. Mas a droga, o álcool, a melancolia e *in fine* a loucura e/ou a morte não são uma solução, é preciso encontrar outra coisa. Foi o que procurei nas florestas do Norte, o que encontrei apenas parcialmente, o que continuei a perseguir.

Sou doutora em antropologia, consagrada nos bancos da academia. Tenho um companheiro que vive na crista das montanhas. Um lar pendurado na montanha. Um livro em preparação. Tudo aparentemente vai bem. Mas alguma coisa

atormenta, belisca as entranhas, a cabeça também arde, tenho uma sensação de fim de mim mesma, talvez também de fim de ciclo. O sentido se atrofia, tenho a impressão de viver por dentro o que descrevi sobre os gwich'in no Alasca: não me reconheço mais. É uma sensação horrível, porque acontece comigo precisamente o que acreditei observar naqueles que eu estudava. Minhas formas usuais desmoronam. Minha escrita patina, não tenho mais nada de interessante a dizer, mais nada que valha a pena. Meu amor termina de se dissolver, apesar das palavras apesar da verticalidade apesar dos cumes de sua exigência e de sua indiferença. Eu me esgotei em inúteis circunstâncias mentais, compenso com proezas físicas, mas não há nada a fazer, afundo.

Quanto psicólogos me tomariam por louca se eu lhes dissesse que sou afetada pelo que acontece fora de mim? Que a aceleração do desastre me petrifica? Que tenho a impressão de não ter mais controle sobre nada? Ah, então esse é o motivo que leva você a se agarrar às montanhas! Sim, e a coisa fica grave é quando até mesmo a montanha está desabando. Por falta de coesão, por causa do gelo que derrete, por culpa da canícula. Os pontos de apoio cedem, os rochedos despencam, eis a realidade. E os amigos se estatelam aos pés dos paredões. Estrou fazendo uma péssima metáfora de alpinista? Acho que não. Não posso circunscrevê-la com precisão, mas tenho uma certeza: algo ressoa em mim, algo que dói e que desorienta.

Teria sido tão simples se minha perturbação interior se resumisse a uma problemática familiar não resolvida, ao meu pai morto cedo demais, às expectativas não satisfeitas da minha mãe. Então eu poderia "resolver" minha depressão. Mas não. Meu problema é que meu problema não pertence apenas a mim. Que a melancolia que se exprime no meu corpo vem do mundo. Acredito que sim, é possível se tornar "o vento que sopra através de nós", como dizia Lowry. E que

é comum não voltar atrás, como ele, como tantos outros. Fui ter com os eventos do Itcha e vivi na floresta com eles por uma razão bem distante de uma pesquisa comparativa. Entendi uma coisa: o mundo desmorona simultaneamente em todos os lugares, apesar das aparências. O que acontece em Tvaíán é que se vive conscientemente em suas ruínas.

★

Todas as manhãs, mergulho o balde no buraco no gelo do Tvaíánkaia. Eu me detenho por alguns minutos. Adoro observar a água que corre abaixo da camada congelada. Esse buraco, cinquenta centímetros de diâmetro, é como uma janela, uma clara-boa. Um ponto de observação sobre o mundo de baixo, onde tudo ainda está em movimento, ao passo que tudo na superfície está imóvel, desesperadamente estático. Não se fiar naquilo que se dá a ver de imediato, penso a cada vez. Olhar mais além ou mais fundo, na direção daquilo que está oculto.

Admito que existe mesmo um sentido no mundo em que vivemos. Um ritmo. Uma orientação. De leste a oeste. Do inverno à primavera. Do amanhecer ao anoitecer. Da nascente ao mar. Do útero à luz. Mas às vezes penso em Copérnico. No crime de lesa-majestade que ele cometeu na época ao afirmar que não giramos no sentido em que acreditamos girar; que o sentido de rotação do mundo não é o sentido sensível; que ele é oposto àquele que percebemos. Teria a intuição de Copérnico alguma coisa a ver com a questão do retorno, da volta ilógica dos seres à sua origem? O rio desce para o mar, mas os salmões tornam a subi-lo para morrer. A vida se desenvolve do lado de fora do ventre, mas os ursos vão novamente para debaixo da terra, para sonhar. Os gansos selvagens vivem no Sul, mas retornam para colonizar os céus árticos de seu nascimento. Os humanos saíram das grutas e

dos bosques para construir cidades, mas alguns voltam atrás e habitam novamente a floresta.

Digo que há algo invisível que impele nossa vida rumo ao inesperado.

★

Vássia serve o chá em sua cumbuca, sente o aroma, contente consigo mesmo. Ele acaba de trazer três peixes; fazia uma semana que Dária o espezinhava com seus sonhos premonitórios e suas boas pescarias, enquanto ele voltava todo dia de mãos abanando. Às vezes não adianta insistir, ele dizia ao voltar do rio. Natacha prepara os peixes empanados, o óleo crepita na frigideira. A cabana está quase vazia nesse meio tarde. Ivan partiu para a caça aos tetrazes, Volódia foi buscar lenha. Dária está lá fora, cuidando dos cães. Vássia e eu estamos com os cotovelos apoiados na mesa de centro. Ainda não tive a oportunidade de conversar com ele desde sua chegada, sei que faz uma semana que ele espera por esse momento, vejo isso em seus olhos. *Tchto, skuzji*. Que foi, diga. É o que dispare enquanto ele fica fazendo rodeios, me perguntando se ali ainda dói ou não, mostrando as cicatrizes que cobrem seus braços, vestígios de um tempo em que ele trabalhava duro no *sovkhhoz*, vestígios de um tempo em que ainda havia tratados perigosos em atividade por aqui.

Os ursos são os mais inteligentes entre todos os animais, ele me diz. São como os humanos, tão poderosos quanto. Você sabia? Eu sabia. E você sabe por que ele mordeu você no rosto, ele pergunta. Não, não sei. Ele aponta o dedo para os meus olhos. Por causa deles, ele me diz. Ele ri. Vássia ri o tempo todo, do alto de seus setenta anos, mesmo quando está muito sério. Ele volta ao assunto franzindo as sobrancelhas. Os ursos não suportam olhar nos olhos dos

humanos, porque veem neles o reflexo de sua própria alma. Você entende? Não, não muito, respondo. No entanto, é simples, Nástia. Um urso que cruza o olhar de um homem buscará para sempre apagar aquilo que vê ali. É por isso que, se vê seus olhos, ele inevitavelmente ataca. Você olhou nos olhos dele, não foi? Sim. Ah, exclama ele, eu sabia! Eu disse para eles, para os outros, mas Dária manda eu me calar o tempo todo, não quer que se fale do que aconteceu. Sorrio para ele. É porque Dária é mãe, e as mães não gostam de ver sofrer quem elas amam. Humm, resmungo ele. Tomamos um gole de chá em silêncio. O que diferencia os ursos de nós é que eles não podem se olhar de frente. Você entende agora? Sim, entendo. Felizmente eles não têm espelho, senão ficariam todos loucos! Vássia explode num riso cristalino, e eu junto com ele.

Nos dias seguintes, rumino o que Vássia disse e penso inevitavelmente em Jean-Pierre Vernant. Numa passagem de seu livro *A morte nos olhos*: "No face a face da frontalidade, o homem firma-se em posição de simetria em relação ao deus [...] a fascinação significa que o homem já não pode desviar seu olhar ou seu rosto do Poder, que seu olho perde-se no Poder que também o olha, que ele é projetado no mundo que este Poder preside".<sup>11</sup> Para Vernant, ver a medusa é deixar de ser você mesmo, ser projetado no além, tornar-se o outro. Para Vássia, ver o humano que vê o urso ou o urso que vê o humano é figurar a reversibilidade; descrever um confronto em que a alteridade *a priori* radical é, na verdade, a proximidade maior; um espaço em que o um é o reflexo do seu duplo no outro mundo.

<sup>11</sup> Jean-Pierre Vernant, "A morte nos olhos", in *A morte nos olhos. Figurações do outro na Grécia Antiga: Artemis, Gorgó*, tradução de Clóvis Marques (Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988), p. 103. [N.T.]

Já tinha pensado em Vernant ao trabalhar sobre a questão da caça no Alasca. Naquele instante em que o *fascinus* se apodera dos corpos para projetá-los na loucura ou na morte. Mas me enganei. Escrevi em *Les âmes sauvages*<sup>12</sup> que a morte era a forma mais eficaz para sair do *limes insupportável* que implica o encontro entre dois seres *alter*. Do ciclo de metamorfoses que então se desencadeia e do qual não se volta. Exceto que não estou morta, e o urso também não.

Escrevo há anos sobre os confins, a margem, a liminaridade, a zona fronteira, o espaço entre dois mundos; acerca desse lugar tão especial onde é possível encontrar uma potência outra, onde se assume o risco de se alterar, de onde é difícil voltar. Sempre disse a mim mesma que não se deve cair na armadilha da fascinação. O caçador, coberto dos cheiros de sua presa e usando suas vestes, modula a voz para adotar a do outro e, ao fazer isso, entra em seu mundo, mascarado, mas ainda ele mesmo sob a máscara. Eis o truque, eis seu perigo. Toda a questão passa a ser então: conseguir matar para poder *voltar* — a si, aos seus. Ou então: falhar, deixar-se engolir pelo outro e deixar de estar vivo no mundo dos humanos. Escrevi essas coisas no Alasca; vim a vivê-las em Kamtchátka. Ironia do trabalho comparativo, piada dos dois blocos que se observam de um lado e do outro do estreito de Bering; estranheza do confronto entre meu espírito na América que observa meu corpo na Rússia.

Fui até o fim do encontro arcaico, mas voltei porque não morri. Houve hibridação e, no entanto, continuo sendo eu mesma. Quer dizer, eu acho. Alguma coisa que se parece comigo, mais os traços da máscara animista: estou *inside out*. O fundo animista dos humanos é o rosto deformado da máscara. Metade homem metade foca; metade homem metade água; metade homem metade lobo. Metade mulher

12 Nastassja Martin, *Les âmes sauvages* (Paris: La Découverte, 2016).

metade urso. O que está por baixo do rosto, o fundo humano dos bichos é o que o urso vê nos olhos daquele que ele não devia olhar; é o que meu urso viu nos meus olhos. Sua parcela de humanidade; o rosto por baixo do seu rosto.

★

Faz alguns dias que os criadores e suas renas nomadizaram para uma tundra vizinha a Ivaián. Eles passam as noites conosco quando podem, quando não neva demais para conseguirem chegar até aqui, quando o cheiro do mató em sua pele os faz sonharem com um banho. Dois dentre eles, Pávlík e Chander, são sobrinhos de Dária. Gosto deles. O terceiro é seu primo, Válierka. Com ele, é diferente. Não gosto dos seus silêncios nem da sua maneira de me analisar quando estou de costas, de evitar meu olhar assim que o encaro. Ele é fugidivo, escorregadio. É assim desde o começo: minha presença o incomoda profundamente. Há vários anos, quando me apresentei a ele numa noite de verão, ele disparou contra mim: antropóloga, espíã, dá na mesma. Não espere nada de mim, não vou falar. Prova de que ainda existe uma guerra entre o Leste e o Oeste, pensei. Ou as reminiscências de uma guerra. Desde então, eu o evito o máximo possível. Mas no inverno, com a aglomeração a que o frio obriga, fica difícil. Um dia ele vai tentar me machucar, tenho certeza, e não deu outra. Era para acontecer nessa noite.

Estamos sentados nos banquinhos da cozinha. Ele, eu, Pávlík. Um pouco de peixe defumado no meio da mesa, chá. Pávlík espera para ir à sauna que está esquentando desde cedo. Chander volta com uma toalha sobre os ombros, o vapor se eleva de seus cabelos quando ele abre a porta. Pávlík se levanta, procura sua toalha por toda parte na cabana. Eu o sigo, passo pela porta para ir ao outro cômodo, vasculho minha mochila. Tome, pegue esta aqui se quiser,

está limpa. Ele sorri, obrigado, e pega a toalha. Ele volta à cozinha, se inclina sobre a mesa para alcançá-la. Largue isso, Válierka lhe diz. Pávlik olha para ele, desconcertado. Largue essa toalha, ordena o tio novamente. Por quê?, pergunta Pávlik. Porque é a toalha da Nástia. Ela é *miédka*. Você sabe o que isso quer dizer? Quer dizer que a gente não encosta nas coisas dela. Ele baixa os olhos na direção do peixe, pega um pedaço, leva a xícara de chá aos lábios e age como se nada fosse. Pávlik, Chander e eu ficamos ali de pé, paralisados, estupefatos.

Dária entra com o balde d'água na mão, ouviu tudo lá de fora. Ela fuzila Válierka com o olhar. Saia daqui, ela lhe diz. Não tem nada disso na minha casa, vá comer sozinho na iurta. Válierka ergue os olhos na direção dela, sobe o tom de voz. Você sabe muito bem que é verdade. Vocês também deviam tomar cuidado. Ela só vai trazer coisas ruins para cá. Os *miédka*, quando regressam do lado de lá, têm que ser evitados. Dária abre a porta, aponta a saída. Vá embora. A Nástia é minha família. Vá se roer sozinho esta noite. O rosto de Válierka enrubesce, ele queria dizer alguma coisa, mas é visível que não pode; Dária está em sua própria casa, Dária comanda, Dária é chefe. Ele afasta o banquinho, se apoiando na mesa, pega o casaco pendurado e bate a porta. Ronco nervoso de moto de neve. Nuvem de neve poeirenta que vem se abater sobre a janela da cabana.

Tenho vontade de desaparecer a sete palmos de terra. Dária me pega pelo braço, venha. Passamos para o outro cômodo e nos sentamos sobre a pele de rena, protegidas dos olhares. Ela não pode mais recuar, deve falar. Isso não lhe agrada, mas ela não tem mais escolha, porque dessa vez estou esperando que ela assuma, que ela diga algo sobre esse nome que se cola à minha pele e que vem do mundo deles, não do meu.

Nástia. Você está me ouvindo? Estou ouvindo. Não o leve a mal. E sobretudo não leve para o lado pessoal. O Válierka é como muitos outros, tem medo. Por quê?, per-

gunto. Porque as pessoas marcadas pelo urso, como você, são as únicas que entraram em contato direto com ele. E? E é uma proximidade de antes que faz com que *isso* tenha acontecido, que *isso* tenha sido possível. Estrou sabendo, digo. E então? O que isso muda na vida dele? É o que estou lhe explicando, ele tem medo. Para nós, os *miédka* devem ser evitados e, acima de tudo, não se deve encostar nas coisas deles. Por quê? Sua tergiversação me irrita profundamente, fale por favor, não me esconda nada. Porque eles não são mais eles mesmos de fato, entende? Porque carregam parte do urso neles. Dária suspira. Para alguns, isso vai mais além. Dizem que eles ficam "perseguidos" pelo urso para o resto da vida. Perseguidos no sonho ou perseguidos de verdade?, pergunto. Os dois, diz Dária abaixando os olhos. É um pouco como se essas pessoas estivessem enfeitadas, você entende? Entendo. Uma lágrima escorre pela minha face. Dária puxa um pedaço do lençol e a enxuga. Então você também acredita que estou enfeitada? Se sou de fato *miédka* e ser *miédka* é ser tudo isso, então por que você não me evita também? Não acredito em nada disso, responde Dária. Tudo isso não passa de história. Aqui a gente vive com todas as almas, aquelas que erram, aquelas que viajam, os vivos e os mortos, os *miédka* e os outros. Todo mundo.

Isso sempre acaba assim, em frustração. Dá quase para dizer que *não concluir seu pensamento* é de lei. Suspende o pensamento para interromper as palavras; fazer silêncio para sobreviver.

Dária, por que você não me conta mais? Mais além, mais alto, mais precisamente? Porque, quando eu falo, a coisa acontece.

★

Hoje de manhã voltei para me sentar na margem sobre o rio que corre debaixo do gelo. Tenho vontade de voltar para casa,

do outro lado do mundo. Rever minha mãe. Ivan chega, é a especialidade dele, criar obstáculos para a melancolia, ele sempre diz: aqui a gente vive, não tem tempo de se apiedar. Você ainda está pensando no que o Válierka disse ontem? Sim, um pouco. Deixe para lá. O que conta é que você saiba. As pessoas só fazem isso mesmo, pensar no que os outros pensam. Isso não serve para nada. Ele ri. Válierka também não gosta de mim. Ele não gosta de ninguém. Você sabe? Sim, eu sei. Mas isso não muda nada, digo. Em breve vou partir.

Ivan suspira. Mais nenhum traço do menor sorriso em seu rosto. Você vai partir como já partiu da última vez? Você devia escutar a mamãe. Seria melhor se você ficasse com a gente. Aqui você está em segurança. Hum, respondendo. E lá fora tem os ursos, é isso? Pare, ele me corta. Você se lembra lá no hospital em Petropávlovsk? Quando eu perguntei por que você tinha partido naquele verão. Você não me respondeu nada. Você disse: você não consegue entender. Ou algo parecido. Quer saber o que eu acho? Por favor, eu suspiro. Acho que você mesma não sabe o que a leva sempre a partir para lugares cada vez mais distantes. Talvez seja isso, concordo. Ou então talvez seja algo da ordem do indizível. Ou do intraduzível. Como uma outra língua, entende, um negócio que se vive, mas que escapa a qualquer explicação. Um negócio que ultrapassa, um negócio que ultrapassa você. Ivan balança a cabeça, ele balança a cabeça como se estivesse se livrando da tristeza que detesta sentir despontando em seu próprio corpo. Ele ri de novo. Você é engraçada. Você também. Um negócio como os sonhos? Sim. Um negócio como os sonhos.

Há um rio com uma falésia. Uma cachoeira, bem alta. Eu me inclino para olhar. Na água mais abaixo avistam-se rochas ameaçadoras, parecem uma mandíbula aberta cheia de dentes pontudos à espera da presa. Tremo. Eu me deito na borda para ver melhor e parar de tremer, mas tenho muito

medo, peno para me levantar. Ivan e Volódia se aproximam. Siga-nos, dizem eles. Eles pegam impulso e mergulham. Fecho os olhos, eu os imito, afundamos sob a correnteza, afastados das rochas. Volto a abrir os olhos debaixo d'água. Tudo é extremamente claro, vejo os salmões como se eles nadassem no ar; depois vejo o caçador que nada diante de mim. Exceto que não é mais um homem. É um pássaro multicolorido que rodopia em volta de si mesmo, mas que nada com a graça dos peixes que o cercam. Olho minhas mãos, que se agitam diante de mim. De repente, não há mais braços, e sim plumas amarelas e vermelhas que golpeiam a água.

Penso no meu primeiro sonho aqui e não respondo mais nada a Ivan porque não tenho nada mais a dizer. Não é um truque, e de todo modo não ganharei esse jogo contra ele, um caçador muito melhor do que eu. Tento. Tento ordenar as coisas pelo menos na minha cabeça. Essa coisa qualquer que emerge, essa espécie de resposta em forma de pergunta aberta, esse algo anterior ao aborrecimento e aos sonhos recorrentes que me fizeram fugir dessa floresta e, junto com ela, de seus habitantes e do lugar que eles quiseram me dar. Esse lugar que continuo não querendo, um lugar em meio aos xamãs que partiram cedo demais e aos *miédka* que chegaram tarde demais.

★

Chega, agora já é demais, disse a mim mesma. Vou embora, tenho que fugir desse sistema de significações e de ressonâncias que ameaça minha saúde mental. Mais tarde, vou polir todos esses fragmentos de experiências ingovernáveis, vou transformá-los em dados por fim suficientemente essencializados e desencarnados para poderem ser manipulados e relacionados entre si. Mais tarde, exercerei meu ofício de antropóloga. Por enquanto, tenho que cortar, radicalmente:



vou embora para as montanhas, quero ar, ausência de obstáculos para o olhar, frio, gelo, silêncio, vazio e contingência, sobretudo sem mais destino, e muito menos signos.

E contudo. Foi no coração dos glaciares e no meio dos vulcões, longe dos homens, das árvores, dos salmões e dos rios que eu o encontrei, ou que ele me encontrou. Caminho por esse planalto de altitude árido no qual, *a priori*, não tenho nada a fazer, saio do glaciar, desço do vulcão, atrás de mim a fumaça cria um halo de nuvens. Eu me imagino sozinha por todos os motivos pessoais históricos sociais conhecidos e, contudo, não estou só. Um urso tão desorientado quanto eu passeia igualmente por essas alturas onde ele também não tem nada a fazer, é quase como um alpinista, é verdade, o que ele faz aqui, nessa terra desguarnecida, sem bagas nem peixes, quando poderia estar tranquilamente pescando na floresta? Nos deparamos um com o outro, se o *kairós* deve ter alguma essência, é essa. Uma aspereza do terreno nos esconde um do outro, a bruma sobe, o vento não sopra na direção certa. Quando o avisto, ele já está diante de mim, está tão surpreso quanto eu. Estamos a dois metros um do outro, não há escapatória possível, nem para ele, nem para mim. Dária tinha me dito: se você encontrar um urso, diga a ele “não vou tocar em você, você também não toque em mim”. Sim, certamente, mas não aqui. Ele me mostra os dentes, deve ter medo, também tenho medo, mas, sem poder fugir, eu o imito, mostro a ele meus dentes. Tudo se passa muito rápido em seguida. Colidimos ele me derruba minhas mãos estão nos pe- los dele ele morde meu rosto depois a cabeça sinto meus ossos estalando penso comigo mesma estou morrendo mas eu não morro, estou plenamente consciente. Ele me solta e pega minha perna. Aproveito para sacar minha piqueta, que ficou na minha correia desde a descida do glaciar logo ali atrás, bato nele com isso, não sei onde acerto pois estou com os olhos fechados, sou apenas sensação. Ele cede. Abro os olhos, vejo-o

fugindo ao longe correndo mancando, vejo o sangue na minha arma improvisada. E fico ali, alucinada e ensanguentada, me perguntando se vou viver, mas eu vivo, estou mais lúcida que nunca, meu cérebro roda a mil por hora. Penso: se eu sair dessa, será uma outra vida.

Nesse dia 25 de agosto de 2015, o acontecimento não é: um urso ataca uma antropóloga francesa em algum lugar nas montanhas de Kamtchátka. O acontecimento é: um urso e uma mulher se encontram e as fronteiras entre os mundos e implodem. Não apenas os limites físicos entre um humano e um bicho que, ao se confrontarem, abrem fendas no corpo e na cabeça. É também o tempo do mito que encontra a realidade; o outrora que encontra o atual; o sonho que encontra o encarnado. A cena acontece nos dias de hoje, mas poderia muito bem ter ocorrido há mil anos. Somos apenas eu e esse urso no mundo contemporâneo, indiferente às nossas ínfimas trajetórias pessoais; mas é também o confronto arquetípico, é o homem cambaleante com o sexo ereto diante do bisão ferido no poço de Lascaux. Como na cena do poço, é a incerteza quanto ao desfecho do combate que preside o acontecimento inacreditável que, contudo, se dá. Mas ao contrário da cena do poço, a continuação não é um mistério, pois nenhum de nós morre, pois retornamos do impossível que ocorreu.

Não é um pensamento que eu gostaria de verbalizar; prefiro escrevê-lo: hoje, sentada na beira do rio, na neve molhada, escrevo que existe uma lei implícita, silenciosa. Uma lei própria aos predadores que se procuram e se evitam nas profundezas das matas ou nas dorsais da terra. A lei é a seguinte: quando e se eles se encontram, seus territórios implodem, seus mundos se reviram, seus encaminhamentos usuais se alteram e seus vínculos se tornam indefectíveis. Existe uma suspensão do movimento uma retenção uma parada um estupor que se apossa das duas feras pegas no encontro

arcaico — aquele que não se planeja, aquele que não se evita, aquele do qual não se foge.

Ao sair da *no man's land* tão esperada da montanha desse glaciar do planalto de altitude, finalmente menos despovoados do que eu a imaginava, só me restam poucas certezas. A estabilidade dos seres e das coisas me escapa, sua organização em sistemas inteligíveis e instituídos me foge, a possibilidade de sua perenidade no tempo me deserta. Meus “dados”, aqueles que eu tinha cuidadosamente coletado, aqueles cujas pontas eu tinha começado a juntar para criar um mundo — um mundo que eu gostaria de compartilhar com meus contemporâneos — jazem agora aos meus pés como tantos vínculos rompidos que, mais tarde, será preciso ordenar de outra maneira. Por quê? *Potomú tchto nado jiti dälche*. Porque é preciso poder viver mais além, como dizem todos aqueles que vivem aqui na floresta sobre o rio sob o vulcão. É preciso poder viver depois com e diante disso; simplesmente viver mais além.

★

O que significa sair dos abismos onde reina o indistinto, escolher reconstruir outros limites com a ajuda dos novos materiais encontrados bem no fundo da noite indiferenciada do sonho? Bem no fundo da boca escancarada de um outro que não é você?

Penso no ratinho-almiscarado e no homem do mito gwich'in no Alasca acerca da criação do mundo. Penso no oceano sem limites no qual eles flutuam, incerto, aberto, incontido, líquido. Penso nesse ratinho-almiscarado que mergulha bem no fundo da água, lá onde é escuro lá onde ele é cego lá onde ele tem medo, para ir recolher em suas garras os fragmentos de turfa que, com o homem, eles utilizarão juntos para criar uma terra firme sobre a qual caminharão e delimitarão

seus respectivos espaços. Penso também naquele homem cego e enfermiço que recebe ajuda da mobelha-grande que trepa em suas costas e mergulha três vezes com ele nas profundezas sombrias do lago, para de lá voltar transformado e dotado de uma nova visão. Penso em todas essas histórias e em todos esses mitos que eu e tantos outros antropólogos transcrevemos cuidadosamente em nossas monografias sobre os povos que estudamos, em todas essas viagens de um mundo a outro que atizam nosso interesse científico, em todos esses homens um tanto especiais, esses xamãs que perseguimos como os caçadores rastreamos os animais que os fascinam. Penso em todos esses seres que se embrenham nas zonas sombrias e desconhecidas da alteridade e que delas voltaram, metamorfoseados, capazes de encarar “aquilo que vem” de maneira não convencional, eles agem agora a partir daquilo que lhes foi confiado debaixo do mar, debaixo da terra, no céu, debaixo do lago, no ventre, debaixo dos dentes.

★

Os dias se prolongam no frio, as noites não terminam mais. O ar é gelado, paralisado. É tempo de partir, mas a iminência dessa partida é calada. É assim na floresta: nunca partimos aos poucos, não nos preparamos, fazemos como se nada nunca fosse mudar até que tudo se altera de uma só vez. É precisamente isso o estado de alerta. Aproveitar-se da imobilidade do corpo até que seja preciso lançar-se, sempre quando menos se espera. Não se deve jamais falar do momento em que vamos nos separar; do momento em que nada mais será como antes. Assim, vivemos conscientemente na ilusão da eternidade, porque sabemos muito bem que, num instante, tudo aquilo que desde sempre conhecemos vai se desmanchar, se recompor, aqui ou ali, vai se metamorfosear e se tornar esse algo de inapreensível do qual não poderemos assumir mais nada. Essa potencialidade aterroriza todo

mundo. Como ela é conhecida de todos na floresta e como todos sempre a esperam na curva do caminho, concordamos silenciosamente em não falar dela.

Escrevo na varanda, diante da porta aberta sobre o montículo de neve e a árvore lá atrás, uma xícara de chá escaudada colocada em cima do banco. A temperatura sobe, a chegada da primavera se faz sentir. Volódia passa com um livro na mão. Ele se detém, senta-se ao meu lado, olha por cima do meu ombro. Você está escrevendo sobre o urso, sobre você ou sobre nós? Os três, meu capitão. Volódia ri, olha as páginas todas escritas que se acumulam. Você devia chamá-lo de *Guerra e paz!* Rio com ele. E você está lendo o quê?, pergunto indicando seu livro. Ele fecha os olhos, coloca as mãos sobre os joelhos e depois inspira profundamente. Cada homem em sua noite parte em direção à sua luz. Ele volta a abrir os olhos. É bonito, não? É bonito. Victor Hugo, minha cara.

Essa manhã o rio ficou livre do gelo. Assim, de repente. Tudo se pôs em movimento sem avisar. Nós deveríamos partir, nos apressar antes que o Buran se torne obsoleto sobre a neve molhada. Mas não. Acabamos optando por ir pescar. Poderiam pensar que eu adoro isso, a pesca, depois de mais de dez anos de trabalho com caçadores-pescadores. É precisamente o contrário. Sobretudo no inverno. Esperar por horas no frio. Se convencer de que algum vai morder, mesmo quando nada acontece. Obstinar-se, mesmo quando continua a não acontecer nada. Por que ninguém nunca fala disso?, eu me pergunto enraivecida olhando para a minha linha que boia molenga entre as placas de gelo. Dessa espera transida, do quase nada que geralmente coroa nosso fracasso? Voltar congelado para casa, se enfiar até a cintura na neve de primavera, tomar chá, tomar chá. Rio sozinha, me divirto com esse absurdo que, no entanto, é o coração pulsante da vida na floresta.

Aqui é sempre assim, nada nunca acontece como se de-seja, a coisa resiste. Penso em todas as vezes em que o tiro não dispara, em que o peixe não morde, em que as renas não avançam, em que a moto de neve engasga. É igual para todo mundo. Você tenta ter estilo, mas tropeça, se atola, claudica, cai, se levanta. Ivan diz que só mesmo os humanos acreditam que fazem tudo certo. Só os humanos dão tamanha importância ao que os outros pensam deles. Viver na floresta é um pouco isso: ser um vivente em meio a tantos outros, oscilar com eles.

★

Dias de primavera. Dias de abate de renas. Dias de carnificina. Os criadores de animais aproveitam a iminente viagem em comum até o vilarejo para ir vender a carne. Ivan partiu ontem para a iurta para ajudá-los. Vim encontrá-lo para ver, por consciência profissional talvez, por falta de discernimento sobretudo. É um massacre a céu aberto que acabo descobrindo. Não imaginava o efeito que teriam sobre mim não uma, duas, mas cinquenta renas abatidas, arrastadas na neve, decapitadas e esquarteradas sobre uma bancada improvisada. Ivan mata, corta, esvazia, fatia, empilha, desloca. As mãos estão vermelhas, a neve está vermelha, os tufo de pelos cobrem o chão e saem voando ao longe sob o vento gélido. Tenho vontade de vomitar. Ivan provavelmente não sabe por que escolheu esse abate em massa em vez de ficar em casa, nada o obrigava, ele nem criador de animais é. Ajudar, disse ele simplesmente. Mas ajudar em quê? Os outros eram numerosos o suficiente.

Os olhos de Ivan se nublaram enquanto o sangue jorra abundantemente, eu o vejo se perder nos próprios motivos que levaram sua família a abandonar a criação estatal de animais e a se tornarem caçadores novamente. Ele está fora de si, ele é pura potência de morte. Ivan volta ao rebanho, apanha um bicho no laço, salta sobre ele, enfia a faca no cérebro. Vejo-o se esgotar ao conduzi-lo pela neve, vejo o suor em sua

testa enquanto ele corta a cabeça, esvazia as entranhas e pendura a carcaça no gancho preso à árvore. Será que ele se pergunta o que está fazendo ali? Acho que nesse instante ele se esqueceu de tudo. Esqueceu quem ele é, esqueceu a escolha de sua família, esqueceu por que eles não fazem mais isso. Mas talvez eu esteja enganada. Talvez ele saiba exatamente o que busca nessa ferocidade que prefigura minha partida. Digo que há mesmo um furor que fervilha em nós. Metade corpo, metade espírito, que se prepara continuamente para romper a frágil unidade de nossa vida.

E eu? Sabia o que estava procurando com o urso? Sabia quem eu estava esperando e quem eu via em sonho? Sabia por que eu seguia as pistas dos seus rastros por toda parte e por que eu esperava secretamente um dia cruzar o seu olhar? Claro, não desse jeito. Não tão rápido, não tão forte. Partir, eu dizia. Um pouco de ar, de gelo, de rochas, o horizonte. Acrescentou-se o sangue. Ele me pegou desprevenida em minha espera. Seu beijo? Íntimo para além do imaginável. Meu olhar se turva e tudo fica desfocado, as cabeças de rena que cobrem o chão, os corpos decapitados que perdem o sangue, os homens atarefados em volta. Ivan pare com isso não aguento mais. Será possível viver sem esse furor que pulsa no fundo de nós, que ameaça periodicamente aniquilar tudo? Seria preciso ter sempre a certeza de poder voltar. Voltar do outro mundo, como Perséfone. Seis meses no alto, seis meses embaixo, prático. Mas fora do tempo do mito, o ciclo se interrompe, porque é assim, porque é a Época, porque é aquilo que todos nós encaramos. Seria preciso que os dois rostos da máscara animista parassem de matar um ao outro, que eles criassem a vida, que eles criassem outra coisa além de si mesmos. Seria preciso, não, é preciso a todo custo sair dessa dualidade reversível e mortífera.

Ivan ergue os olhos na minha direção, vê minhas lágrimas, ouve minha súplica silenciosa. Deixe o sangue, largue a

morte, venha, vamos embora. Ele tira um trapo do bolso, limpa sua face. Guarda-a na bacia em sua cintura. Pessoal, tenho que ir embora, até amanhã. Andamos em meio às árvores em direção à iurta, deixamos a tundra ensanguentada para trás. Obrigado, ele diz. De nada, respondo.

Vou andando. Sair daqui, só consigo pensar nisso. Gostaria de saber no que Ivan pensa. Mas não lhe pergunto. É bom o silêncio, às vezes. Nunca sei verdadeiramente aonde vou nem quem sou. No fim das contas, talvez ele também não. Ivan está voltando de todo aquele sangue que foi preciso derramar para fazer parte de uma modernidade longínqua. Eu estou voltando da boca de um urso. O resto? É um mistério.

✱

Dária fica aqui, ela quase nunca deixa a floresta. Tudo está pronto, as mochilas estão sobre os trenós, a carne também, os cães latem, os lobos respondem a eles ao longe. Nós caminhamos na colina que domina o campo, nos agarramos nos galhos e raízes para avançar na encosta. Lá em cima, um cepo de árvore domina Tvaián. Você enrola um cigarro para mim? Sim. Fumamos em silêncio, observamos os outros atarefados lá embaixo, eles não nos veem, mas nós sim, gosto muito disso, diz Dária.

Então você vai embora? Vou embora. Não há nada que se possa fazer para segurar você? Não. Você vai fazer o quê? Escrever. Sobre o quê? Sobre vocês, sobre nós e sobre o que está por vir. O que está por vir? O improvável. Dária sorri. Você e suas palavras. Me conte mais. Eu rio. Está vendo?, eu lhe digo. Como é insuportável quando você me deixa no vazio? Ela dá risada, eu sei eu sei, mas isso é o privilégio da velhice. Calar-se quando não se quer dizer muito, evitar arquitetar planos porque eles nunca acontecem como previsto. Você é outra história. Eu a conheço, você vai fazer de todo jeito, então me conte.

Eu lhe conto: Dária, vou fazer o que sei fazer, vou fazer antropologia. E como se faz isso de antropologia?, pergunta ela me encarando com seus olhos travessos. Eu suspiro, você me aborrece com suas perguntas difíceis. Ergo os olhos para o céu, jogo fora meu cigarro, suspiro de novo. Não sei como se faz isso, Dária. Sei como eu faço. Você está ouvindo? Estou. Eu me aproximo, sou captada, eu me afasto ou fujo. Retorno, capto, traduzo. Aquilo que vem dos outros, que passa pelo meu corpo e que vai embora para não sei onde.

Você está triste?, eu lhe pergunto. Não, diz ela, e você sabe por quê. Viver aqui é esperar pelo retorno. Das flores, dos animais migratórios, dos seres que contam. Você é um deles. Vou esperar por você.

Não digo nada, estou emocionada. Eis minha libertação. A incerteza: uma promessa de vida.

## Verão

Diante de mim, a pilha constituída por meus cadernos de campo em Kamtcháka nestes últimos cinco anos. Verde, azul, bege, azul, marrom, preto embaixo de tudo. Volto a cabeça para olhar pela janela, a Meije está iluminada por uma luz suave de fim de dia. Eu me decido, ergo a pilha; abro o caderno preto pelo fim, percorro as últimas páginas.

30 de agosto de 2014

*“Como se esconder daquilo que deve se unir a você? (Desvio da modernidade)”*

René Char, 77. Folhas de Hipnos

*O que significa estar atrasado na vida?*

*Saber sentir querer sempre tarde demais*

*Desejar à montante do mundo*

*Aqueles que estão ausentes aqueles que resistem aqueles*  
*[que retêm*

*As florestas as montanhas em suas pupilas*

*Estar atado à sua liberdade à sua insubordinação*

*Estar às voltas com o impossível*

*Com aquilo que não deve suceder*